

NA LITERATURA E NO NOTICIÁRIO: A NATURALIZAÇÃO DA MORTE DE UMA MULHER NEGRA

MURIA, W. C.¹, JACINTO, A. F.²

¹ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil –
willisanmuria.aluno@unipampa.edu.br

² Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil –
alinealicefjacinto@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os processos discursivos e a produção de sentidos envolvidos na formulação de ofensas contra mulheres negras, no Brasil. Inscrito no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso Materialista, a análise mobilizou alguns conceitos da AD, para analisar ofensas proferidas contra mulheres negras e a naturalização da sua morte. Foi feita então uma análise da história presente no conto *Maria*, de Conceição Evaristo e na sequência realizou-se um percurso de relação entre a naturalização do assassinato de mulheres negras, tanto na Literatura quanto nos casos reais, como na execução da vereadora Marielle Franco.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Racismo, Fake News.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, realizar uma uma análise da morte da personagem principal do conto *Maria*, de Conceição Evaristo e na sequência fazer uma relação com o assassinato da vereadora Marielle Franco do PSOL/RJ, a fim de evidenciar a naturalização da morte de mulheres negras no Brasil.

Primeiramente para contextualizar, o conto *Maria*, de Conceição Evaristo, trata sobre a violência sofrida por uma mulher negra dentro de um ônibus. Essa violência ocorre no modelo de uma sociedade racista e sexista, na qual, as mulheres são tratadas com inferioridade, no texto de Evaristo, a violência sofrida pela protagonista evidencia a exclusão e o desprezo direcionados à raça e ao gênero, por meio de ofensas e de um discurso de ódio, alinhado a uma sociedade patriarcal e machista e, é esse o ponto a ser analisado neste trabalho, no qual, será feita uma relação com o discurso de ódio e as ofensas propagadas após a execução da vereadora Marielle Franco.

Este trabalho está amparado pelo dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso (AD), de vertente materialista, a qual não trata da gramática, mas sim do discurso. Como afirma Orlandi (2007) na Análise de Discurso o objetivo é compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, a autora também afirma que a AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Portanto, estes conceitos serão levados em consideração na construção da fundamentação teórica que irá servir de base para esta pesquisa.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O primeiro passo para o desenvolvimento deste trabalho foi a leitura e reflexão sobre a história do conto *Maria*. O segundo passo foi destacar os pontos que seriam analisados dentro do conto, mais especificamente, a violência sofrida pela personagem e o que isso representa, em uma perspectiva discursiva. O terceiro passo, foi analisar algumas imagens e notícias que foram amplamente divulgadas e compartilhadas na época do assassinato da vereadora Marielle Franco. O quarto passo foi traçar uma relação entre a morte da personagem e a da vereadora e o que isso representa na sociedade em termos de discurso. No quinto e último passo, analisou-se o conto e a repercussão da morte da vereadora, a partir das noções apresentadas na Análise de Discurso (AD), de vertente materialista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciar, analisa-se que o fato ocorrido com a personagem Maria no conto de Conceição Evaristo de modo geral é um acontecimento extremamente marcado pelo machismo e pelo racismo, dentre outras coisas. Então vamos tentar entender o motivo pelo qual faz sentido ou até mesmo existe uma naturalização do linchamento e da morte desta personagem.

Quando passamos a analisar o texto e até mesmo os xingamentos que eram disparados contra Maria, como por exemplo na passagem em que é disparado contra a personagem “Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha” (EVARISTO, 2014, p.42). Conseguimos então, perceber que todos eles são marcados por raízes de uma sociedade patriarcal e racista, uma sociedade que trata a mulher preta com inferioridade e que utiliza de suas características de gênero e de raça como ofensa

ou como desprestígio. De acordo com MARIANI (2023) as ofensas direcionadas às mulheres incidiam no corpo, em detalhes da aparência, cor, origem, e em uma depreciação de sua capacidade.

Acreditamos que a naturalização da morte desta personagem na história, está ligada ao preconceito e ao racismo, pois Maria era pobre, mulher e negra, para além disso, foi vista por um momento conversando com um assaltante, ou seja, aquilo já era o suficiente para deslegitimar toda sua vivência, até mesmo ao ponto de que ela pudesse ser linchada e levada à morte por conta de suas características pessoais.

De acordo com Orlandi (1998), podemos afirmar que os argumentos são frutos dos discursos já estabelecidos historicamente, ou seja, aqueles que já se constituem no imaginário de uma parcela da sociedade, que se identifica e os reproduz. E é isso que vemos, tanto no caso da personagem Maria quanto no que veremos a seguir sobre a execução da vereadora Marielle Franco, a naturalização do assassinato de mulheres negras e a tentativa de justificar a sua morte, vai de acordo com um discurso já estabelecido na sociedade, o qual desqualifica a mulher e principalmente a mulher negra, associando-a ao crime e sexualizando-a, com o intuito de comprovar, que ela recebeu o que buscou.

Portanto, é pelo reflexo de uma sociedade completamente doente que acontecem casos como este da personagem em questão, se formos levar em conta todas as produções que retratam a morte de pessoas negras de forma natural, conseguimos ter a noção do porque é verossímil esse linchamento que a personagem sofre no conto de Evaristo, afinal isso é algo muito comum de vermos na mídia, até mesmo em reportagens, em que a brutalidade contra corpos pretos é tratada como algo natural. Para Franco (2021) esses corpos estão expostos e vulnerabilizados a todo e qualquer tipo de ação dessa violência, que tem perspectivas plurais, presentes na agressão física, mas também abrangendo psicológicas, sexuais, morais e raciais.

Estabelece-se a partir daqui uma breve relação entre o que acontece com a personagem Maria do conto de Conceição Evaristo, com o que ocorreu com a vereadora carioca brutalmente executada Marielle Franco. Como mencionado acima, corpos como o de Marielle e até mesmo da personagem Maria, são a todo momento expostos e vulnerabilizados a essa violência, que não é só de gênero, mas

também marcada pelo racismo e pela naturalização da morte do corpo físico de uma mulher negra e favelada.

Marielle Franco foi uma vereadora do Rio de Janeiro, negra, feminista, LGBT e criada na favela. Ela tinha como objeto de suas lutas a defesa dos direitos humanos, das mulheres e da comunidade LGBTQIAP+. A vereadora foi assassinada no dia 14 de março de 2018, quando o carro onde ela estava foi atingido por 13 tiros. A relação que gostaria de fazer aqui com o conto de Conceição Evaristo, não se dá somente no fato que levou Marielle Franco à morte de seu corpo físico, mas também como foi tratada a morte da vereadora por parte da sociedade brasileira, que a todo momento tentou descredibilizar a figura de Marielle, tentando de alguma forma justificar a morte, ou melhor, o assassinato dela.

Uma grande prova disso foram as enxurradas de *fake news* criadas e espalhadas para tentar frear aqueles que se importavam com a morte da vereadora e se perguntavam “Quem matou Marielle?”, uma fábrica de notícias fraudulentas começou operar após a sua execução, nessas *fake news* que eram amplamente distribuídas, algumas diziam que por exemplo, Marielle havia sido eleita pelo Comando Vermelho, em outra também dizia que ela havia sido esposa de Marcinho VP e também inventaram uma gravidez aos 16 anos.

De acordo com Fernandes (2021), quando se trata de Fake News, o desejo de verdade do sujeito é que prevalece, ele tem convicção naquilo, a partir de certa FD que confirma esse “saber”, e se a informação vista pelo autor, em alguma rede social, confirma aquilo que ele já tinha de certo modo como um fato, então só pode ser verdadeiro. É o que aconteceu no caso Marielle Franco, as pessoas que se identificam com o discurso de ódio ou o discurso autoritário e que tem como objetivo “aniquilar” a esquerda, irão concordar com qualquer tipo de mensagem ou publicação que descredibilize a imagem da vereadora.

Utilizaram de elementos alusivos à sexualidade de uma mulher para colocar a sua credibilidade em dúvida e também associaram Marielle, que era uma mulher negra, favelada e bissexual ao Comando Vermelho e ao tráfico, ou seja, criminalizaram-na, o mesmo que os passageiros do ônibus fizeram com Maria. Como se de alguma forma, alguma dessas coisas pudesse justificar a execução da vereadora e naturalizar que ela havia sido brutalmente assassinada e impedida de viver a sua vida privada, pública e política.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se então, na perspectiva da Análise de Discurso (AD), de vertente materialista, que esses discursos, os quais são replicados por determinadas esferas da sociedade, são discursos enraizados na sociedade e que tornam-se “naturais”. Neste caso, falamos da naturalização da morte de mulheres negras, uma personagem de um conto que foi espancada até a morte, por ter sido vista conversando com um assaltante no ônibus, uma mãe de família que voltava do trabalho e foi espancada até a morte e a execução de uma vereadora negra, que lutava pelos direitos humanos, que foi assassinada com 13 tiros, ambas tiveram as suas mortes naturalizadas.

Ao longo de nossa análise, vimos que isso é fruto de uma sociedade preconceituosa que cultiva discursos machistas, sexistas e racistas. Os sujeitos que proferem essas ofensas não são única e exclusivamente responsáveis por disparar esses discursos, ele está inscrito em uma ideologia dominante. De acordo com Orlandi (1998) não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Maria . In: **Olhos d'água'**, p. 39-42. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

FERNANDES, Carolina. As formas do silêncio na era da pós-verdade: mídia digital, pseudonotícias e fake news. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 25, n. esp., 2022, p. 256-271.

FRANCO, Anielle. Liberdade é não ter medo. In: ÁVILA, Manuela d'. **SEMPRE FOI SOBRE NÓS: Relatos da violência política de gênero no Brasil**. Volume 1. Porto Alegre, RS: Instituto E Se Fosse Você, 2021.

MARIANI, Bethânia. Língua de pedra: a ofensa (injúria e difamação) na discursividade política. *Leitura*. Maceió, v. 1, n.76, 2023. p.111-125.

ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: No movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. *FórumLinguístico*, Florianópolis, n. 1, 1998, p. 73-81.